

# A Marquesa de Alorna e suas transgressões, por Maria Teresa Horta

*Aldinida Medeiros*

*Jaqueline Vieira de Lima*

Universidade Estadual da Paraíba (Brasil)

*Aldinida Medeiros*

*Jaqueline Vieira de Lima*

State University of Paraíba (Brazil)

*Aldinida Medeiros. Jaqueline Vieira de Lima. TRANSGRESSIONS OF MARQUESA DE ALORNA BY MARIA THERESA ORTA*

**Abstract.** The article is a research of Maria Teresa Horta's literary text *The Lights of Leonor, Marquesa de Alorna, Seductress of Angels, Poets, and Heroes* (2012). It focuses on a critical-analytical reading of the fictional text and tries to emphasize the development of its transgressive nature within the hybridisation of history and fiction. The theoretical focus falls mainly on the studies of Cristina Vieira (2008), Carlos Reis and Ana Lopes (2007), and Vanda Anastácio (2009, 2012). The analysis reveals that the heroine's development is marked by oppression and how her resistance is directly drawn from the Enlightenment period.

**Keywords:** Marquesa de Alorna, women figures, character development, oppression, resistance.

*Алдинида Медейрос. Жакелин Виейра де Лима. ТРАНСГРЕСИИТЕ НА МАРКИЗА ДЕ АЛОРНА, ПО МАРИЯ ТЕРЕЗА ОРТА*

**Резюме.** Статията представлява изследване на литературното произведение *Просвещението на Леонор, Маркиза де Алорна, съблазнителка на ангели, поети и герои* (2012) от Мария Тереза Орта. Съсредоточава се върху критично-аналитичния прочит на фикционалния текст, като се стреми да подчертае развитието на трансгресивния му характер в хибридизацията на историята и художествената литература. Теоретичният фокус се основава главно на проучванията, проведени от Кристина Виейра (2008), Карлош Рейш и Ана Лопеш (2007), Ванда Анастасио (2009, 2012). Анализът разкрива как развитието на образа на героинята е белязано от потисничеството и същевременно от съпротивата на персонажа, който черпи сили от просвещението.

**Ключови думи:** Маркиза де Алорна, женски образи, развитие на персонажа, потисничество, съпротива.

## Introdução

Dentre os atributos da literatura, o de nos despertar criticamente é não somente importante quanto comvente. Por meio das criações literárias, torna-se possível conhecer e refletir sobre inúmeras questões sociais, políticas e culturais, que demarcaram variados períodos históricos e que permitem-nos, atualmente, conhecer a situação de opressão e submissão imposta às classes minoritárias. Para o presente estudo, especificamente, referimo-nos à classe feminina.

Durante muito tempo, as mulheres foram impedidas de participar, livremente, do convívio social. No século XVIII, essa concepção ainda estava fortemente presente, uma vez que se esperava-se que fossem submissas e ficassem restritas ao espaço privado, exercendo as funções de esposa e mãe. O fato é que, as mulheres, inclusive as que não se submetiam a este padrão foram invisibilizadas pela historiografia oficial. Em consequência disso, a metaficção historiográfica contemporânea vem problematizando essa questão e tem sido de fundamental importância no sentido de resgatar a história dessas figuras femininas. É o que faz Maria Teresa Horta, no romance *As Luzes de Leonor: a Marquesa de Alorna, uma sedutora de anjos, poetas e heróis* (2012), contemplado como *corpus* do nosso estudo.

Maria Teresa Horta é uma poetisa, ficcionista, jornalista e feminista portuguesa que, desde a década de 1970, utiliza as suas obras como um verdadeiro instrumento de reivindicações e combate a qualquer tipo de opressão à mulher e, conseqüentemente, é consolidada, segundo Miriam Bittencourt (2005, p. 10), como “uma das vozes de maior expressão da literatura portuguesa contemporânea”. Com mais de trinta livros publicados, de poemas em sua maioria, insurgiu na literatura com a publicação de *Espelho Inicial* (1960), mas foi com a obra *Minha Senhora de Mim* (1971), que o seu posicionamento feminista se tornou mais aflorado.

*As Luzes de Leonor* foi publicado em 2011<sup>1</sup> e é o seu primeiro romance histórico. Como o próprio título indica, o livro trata-se de uma ficcionalização em torno da vida de uma das mulheres mais importantes do pré-romantismo português: Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839), a Marquesa de Alorna. Embora essa, de acordo com Vanda Anastácio (2009), enquanto poetisa portuguesa tenha sido, historicamente, uma das raras mulheres a fazer parte do cânone literário, teve, com o decorrer do tempo, a sua vida e as suas obras relegadas quase que ao desaparecimento.

O romance se apresenta como uma narrativa de composição híbrida, na qual há uma mescla de variados gêneros, – a exemplo: poesia, diário, carta, epístola, caderno, entre outros – como também, está organizado, estruturalmente, de maneira sin-

---

<sup>1</sup> Salientamos que neste estudo usamos a edição publicada em 2012, pela Editora Dom Quixote.

gular. Essa metaficção historiográfica tem início com um prólogo, seguido de vinte e cinco capítulos, todos abertos com um poema de autoria da Marquesa de Alorna. Posteriormente, temos os seguintes textos: “Raízes”, em que vai sendo tecida a história dos Marqueses de Távora, avós de Leonor; “Memória”, momento em que a protagonista narra, de forma memorialística, os fatos ocorridos no decorrer de sua vida; “Anos”, em que são narrados, cronologicamente, os anos vividos por Leonor, da infância à maturidade; e, termina com um epílogo.

Isso posto, o nosso objetivo é realizar uma análise deste romance, buscando conhecer, de modo mais crítico, o percurso de vida da protagonista, da infância à maturidade, e, com isso, compreender como ela transgride as normas vigentes em sua época. Para tanto, partimos das seguintes questões: De que maneira a autora reconstitui a trajetória de vida da Marquesa de Alorna? Como a personagem feminina resiste à opressão social e política imposta no contexto sócio-histórico em que estava inserida? Assim, ao procurarmos responder estes questionamentos, esperamos, também, proporcionar maior visibilidade à esta figura histórica.

### **Breve retomada teórica sobre a categoria personagem**

Levando em consideração que estamos trabalhando com a categoria narrativa personagem, compreendemos que é pertinente fazermos uma breve retomada sobre seus estudos. No entanto, salientamos que, o intuito aqui é mais para fins de contextualização do que teorização, visto que são diversas as correntes teóricas que tratam sobre essa categoria.

A personagem é um dos elementos da narrativa literária de fundamental importância para um romance. De acordo com Yves Reuter (1988), citado por Cristina Vieira (2014), para medirmos a sua importância, basta atentarmos para os efeitos que provocariam a sua ausência. Sem ela, seria impossível contar histórias, falar sobre elas, julgá-las ou lembrá-las. De fato, a presença da personagem torna-se tão marcante que, por vezes, o leitor chega a confundi-la com pessoas reais. Entretanto, devemos compreender que a personagem é um ser fictício que domina o hemisfério do imaginário.

Desse modo, essa estreita semelhança entre personagem e pessoa é, não raro, difícil de ser discernida pelos leitores; o que remonta à Antiguidade Clássica, mais especificamente, ao conceito de *mimesis*, postulado por Aristóteles, em sua obra *Poética* (335 a.C.-323 a.C.). Levando em consideração a verossimilhança relacionada à obra ficcional e à realidade, vemos que esse filósofo concebia a personagem como reflexo da pessoa humana. Segundo Beth Brait (2006), diversos autores do século XVI e XVII, a exemplo de escritores ingleses como Philip Sidney e John Dreyden, seguiram essa linha de raciocínio. Assim, só em meados do século XVIII, tal concepção entrou em declínio e foi “substituída por uma visão psicologizante que entende personagem como a representação do universo psicológico do seu cria-

dor” (Brait, 2006, p. 38). Ou seja, a personagem passou a ser vista como um ser que nada mais é do que o reflexo do próprio autor.

Com o desenvolvimento da Narratologia<sup>2</sup>, na década de 1960, a personagem começou a ser vista como um dos elementos básicos da narrativa e a ser analisada na sua relação com as demais partes da obra literária. Desse período, merecem destaque os estudos desenvolvidos pelos Formalistas Russos e pelos Estruturalistas que, fundamentados em modelos diversos, passaram a conceber a personagem como um ser de linguagem e a explorar as suas possibilidades funcionais e estruturais.

Nesse sentido, Carlos Reis, em seu ensaio intitulado *Narratologia(s) e Teoria da Personagem* (2006), ao realizar uma retomada sobre esta categoria, mostra que os modernos estudos dos anos 1960 ocorreram com prejuízo para a personagem, tendo em vista que essa última foi reduzida a um mero ser de papel. Porém, segundo o autor português, tal problemática advém de outros excessos:

*Convém, evidentemente, ter em conta que um tal prejuízo não era inocente: à sua maneira, o sacrifício da personagem respondia aos excessos biografistas e mesmo psicologistas que, numa perspectiva conteudista, entendiam a personagem como extensão do autor; evidência da sua ‘intenção’ ou linear representação de figuras reais. Em vez disso, desde o formalismo russo e desde a consolidação da análise morfológica das narrativas folclóricas, tal como eram entendidas por Propp (1970), as personagens haviam sido reduzidas à dimensão funcionalista e imanentista de ‘seres de papel’ (Reis, 2006, p. 15).*

Em vista disso, de acordo com Carlos Reis (2006), essa concepção necessitava de correção, isto é, de uma maneira que superasse tão radical imanentismo. Para tanto, recuperou-se a articulação entre a narrativa e a sua relação com o mundo, ou seja, passou-se a levar em consideração os elementos extratextuais, pois a personagem suscita efeitos que rejeitam uma leitura puramente imanentista.

Cristina Vieira, n<sup>o</sup> *A Construção da Personagem Romanesca* (2008), ao tratar dessa questão apontada por Reis (2006), considera a relevância do imanentismo em dar objetividade ao estudo do texto literário e das personagens. Mas, em contrapartida, a autora também enfatiza que, a obsessão imanentista rigorosa prejudicava pelo fato de afastar quaisquer fatores extratextuais da análise literária.

Logo, os estudos imanentistas e funcionais apontados apresentaram benefícios aos estudos da categoria personagem. Todavia, em virtude dos limites e demasiada rigidez dessa abordagem, viriam a mostrar-se como insuficientes. Dentro desse contexto, Philippe Hamon (1983) foi o teórico responsável por deslocar os estudos da personagem da abordagem estrutural para uma semiológica, passando a definir a personagem como signo, isto é, uma unidade de significação:

---

<sup>2</sup> Narratologia: “A narratologia é o estudo da forma e do funcionamento da narrativa [...] Examina o que todas as narrativas têm em comum – narrativamente falando – e o que lhes permite serem narrativamente diferentes” (VIEIRA, 2008, p. 228).

*Manifestada sob a espécie de um conjunto descontínuo de marcas, a personagem é uma unidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa [...]. Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é construída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz (Hamon, 1983, p. 20 apud Reis; Lopes, 2007, p. 315).*

Nessa perspectiva, para além das relações semânticas e textuais, leva-se em consideração a colaboração do leitor para reconstruí-la. Dessa maneira, Philippe Hamon (1983), também é apontado pela crítica como responsável por definir três tipos de personagens:

*referenciais: remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas. Essa espécie de personagem está imobilizada por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura. Embrayeurs: são as que funcionam como elemento de conexão e que só ganham sentido na relação com os outros elementos da narrativa, do discurso, pois não remetem a nenhum signo exterior. Anáforas: são aquelas que só podem ser apreendidas completamente na rede de relações formada pelo tecido da obra (Brait, 2006, p. 45-46).*

Com o advento do pós-estruturalismo e com a aproximação do estudo da personagem com outras áreas – tais como Sociologia, História, Psicologia e Psicanálise –, ocorreu uma retomada da personagem como referencialidade, bem como a participação do leitor e a influência do contexto passaram a fazer parte da construção das figuras de ficção. Notamos, portanto, que a personagem é uma categoria complexa, objeto de múltiplos estudos e definições diversas, que vão desde a sua íntima relação com a pessoa humana ao reducionismo a meros seres de papel. Atualmente, os entes fictícios são analisados a partir de variadas perspectivas que levam em conta tanto o aspecto textual como o extratextual.

Visto que o nosso estudo centra-se em um romance histórico, com um grande número de personagens referenciais – a começar pela protagonista e os membros da sua família, quais sejam a Marquesa de Távora, Leonor de Lorena, João de Alorna, dentre outros –, pensamos, de acordo com Cristina Vieira (2008), ser ineficiente realizar uma análise de tal categoria narrativa sem relacioná-la à pessoa humana. Portanto, buscamos uma abordagem não imanentista da personagem, uma vez que, para além dos estudos puramente narrativos, a nossa análise leva em consideração os elementos extratextuais.

## **A marquesa de alorna, da infância à maturidade: uma trajetória de opressão e resistência**

A trajetória da vida de Leonor é contada do ano 1754 a 1803, período que compreende desde os momentos iniciais da sua infância até a maturidade. Desse modo, logo nos primeiros momentos do romance, a narradora nos dá indícios da personalidade da protagonista. A filha mais velha e preferida do pai, João de Alorna, com quem mantinha uma intensa ligação, já aos quatro anos de idade, apresentava traços de uma menina, digamos que, incomum para sua faixa etária, uma vez que tratava-se de uma criança: “[...] demasiado curiosa e impetuosa [...]” (Horta, 2012, p. 28). Portadora de uma imaginação fértil, com grande inclinação para a natureza, ela carregava consigo uma grande sede de instrução, pois ansiava, cada vez mais, por conhecimento. Além disso, enfasiava-se facilmente com as tradicionais idas à missa no Convento de São Domingos, com a sua avó. Por ventura, é desta que herdou a inquietação, ousadia e determinação para lidar com todos os percalços que encontrou em seu caminho.

A infância da protagonista está diretamente relacionada a vários momentos difíceis, como a vivência ao grande Terremoto de Lisboa, catástrofe ocorrida enquanto brincava com Maria, sua irmã mais nova, no jardim da Quinta de Assumar, espaço em que residiam na época. Através desse acontecimento, é possível compreendermos o primeiro ato de resistência e coragem da menina que se tornaria a grande poetisa do Arcadismo e do Pré-romantismo em Portugal. Em meio aos destroços, protege e ampara a irmã naquela situação: “Reparando nos soluços emudecidos de Maria, Leonor toma-a pelos ombros frágeis a empurrá-la, a puxá-la em direção à casa que julga antever à sua frente percorrida por um imenso arrepio [...]” (Horta, 2012, p. 35).

No entanto, nada se compararia ao que estava por vir, e que transformaria para sempre o seu destino. No ano de 1758, quando Leonor estava com oito anos de idade, sua vida foi marcada por um trágico acontecimento: a sua família, descendente direta dos Távoras, foi acusada de articuladora e mandante do atentado ao rei, D. José I, o que desencadeou o conhecido Processo dos Távoras. Tal fato culminou com a prisão de seu pai, o afastamento do irmão e a própria prisão da protagonista, da mãe e de sua irmã no Convento de São Felix, em Chelas, local em que passaram reclusas dezoito anos de suas vidas.

Mediante o exposto, consideramos pertinente ressaltar que, pelo fato de a obra se tratar de um romance histórico, esse episódio, assim como outros descritos literariamente na narrativa em análise, estão atestados em documentos historiográficos, correspondências e estudos biográficos, como os realizados por Hernani Cidade e Vanda Anastácio. Essa última, em seu ensaio intitulado *A Marquesa de Alorna, 1750-1839* (2009), com relação ao caso mencionado, atesta:

*Ao crer no testemunho da própria D. Leonor, o acontecimento que mais abalaria a sua infância dar-se-ia [...], em 1758, quando, na sequência do atentado ao Rei D. José I ocorrido a 3 de Setembro desse ano, foi separada do pai (preso em 13 de dezembro) e encerrada, juntamente com a mãe e a irmã, no mosteiro de São Félix, em Chelas, nos arredores de Lisboa, no dia 14 do mesmo mês. [...] a responsabilidade da tentativa de regicídio foi imputada aos Marqueses de Távora, avós maternos da autora, os quais, juntamente com seus tios e o Duque de Aveiro, foram presos em Dezembro de 1758 e condenados por sentença da Junta da Inconfidência em 12 de Janeiro de 1759, depois de um processo ainda hoje pouco claro (Anastácio, 2009, p. 13).*

Retomando a trajetória de Leonor, atentamos para a madrugada do dia 13 de setembro de 1758, quando seu pai é retirado à força de sua casa e levado detido pelo desembargador Eusébio Tavares. Diante daquela cena de desespero, a protagonista continua mostrando-se como portadora de uma firmeza indescritível, pois, mesmo assustada, protege a mãe naquele momento. Para elucidar essa afirmativa, citamos o discurso de Leonor de Lorena, em que descreve as atitudes da filha diante daquela situação:

*[...] escondida atrás de mim, Leonor observava o Pai a ser levado aos empurrões cobardes; foi ela que me impediu de cair, arrastando-me primeiro para a casa de fora e em seguida amparando-me até ao quarto onde me deitou na cama gelada. Só bastante mais tarde me dei conta de ela ter agido não como uma menina de oito anos, mas como uma mulher. Lembro-me do seu semblante extremamente pálido e de como tremia ao afastar-me os cabelos da testa encharcada pelo suor frio, ao secar-me na face as lágrimas constantes, ao compor-me no peito o decote esgarçado da camisa rasgada (Horta, 2012, p. 42).*

Outra madrugada marcante na trama da qual tomamos conhecimento por meio das descrições memorialísticas da protagonista, refere-se à sua chegada ao Convento de São Félix, juntamente com a mãe e a irmã. Apesar do medo e sem entender a dimensão da tragédia que abatia a sua vida, Leonor encara bravamente a priora que as recebiam no local, na tentativa de interrogar e de buscar compreender o que estava acontecendo. Todavia, só mais tarde, ela perceberia que tinham sido vítimas da tirania do Marquês de Pombal.

Firme e determinada nos anos em que vai crescendo trancafiada, a protagonista não se deixa abater. Diante daquele espaço de clausura, ela encontra um único refúgio: os estudos. É por meio desses que a sua consciência desperta, precocemente, para os problemas sociais e políticos ocorridos à sua volta, jurando a si própria “[...] nunca trair o princípio da insubmissão, da rebeldia e da resistência, frente à ignorância, à superstição, ao despotismo” (Horta, 2012, p. 91). Nesta época, aos dez anos de idade, Leonor gostava de ficar fechada na sua cela, debruçada sobre os seus cadernos e livros. Foi assim que começou a escrever, às escondidas, cartas para o pai,

que estava mantido preso no Forte da Junqueira. Para isso, arditamente, encontrou maneiras de despistar as pessoas: “Talvez porque Leonor desconfie de todos, começou, arditosa, a acrescentar novas linhas nas entrelinhas, desenhadas com sumo de limão; numa espécie de código secreto e invisível [...]” (Horta, 2012, p. 60).

Na adolescência, a personagem começa a escrever poesias, utilizando cadernos e diários confeccionados por ela mesma, delicadamente forrados com cartolinas e com as sobras dos vestidos doados pelas pensionistas e recolhidas do convento. É pertinente assinalar que os conventos, naquele contexto, para além de um espaço reservado às vocações religiosas, serviam como um lugar de encarceramento das mulheres. Dessa maneira, as viúvas, solteiras e casadas eram enclausuradas ali por motivos diversos que incluíam, desde a punição, como a fuga de casamentos impostos e maridos violentos, ou à própria realização pessoal. Corroborando com essa prerrogativa, Michelle Perrot (2017) assevera: “Os conventos eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação” (Perrot, 2017, p. 84).

Ademais, em vários momentos da narrativa, somos conduzidos a conhecer o espaço conventual pela perspectiva da protagonista, segundo a qual, “[...] as muralhas da opressão nunca são derrubadas, tal como estas paredes grossas e invulneráveis [...]” (Horta, 2012, p. 72). Sendo assim, notamos que, no seu discurso há uma comparação da rigidez e da força da opressão ali disseminada à estrutura concreta do convento. Em outra passagem da obra, a personagem relata:

*Com o decorrer dos anos passei a entender o convento de Chelas como um cárcere político: paredes e escadas roídas pelo tempo e pelo lodo das águas do rio, portas trancadas impedindo o acesso ao mundo, grades por entre as quais, durante anos, passei as mãos e os braços até onde podia, numa imensa sede de liberdade e espaço de mudança. [...] O convento de Chelas foi para mim uma prisão de mulheres, cárcere onde, inocente cumpri uma pena de dezoito anos (Horta, 2012, p. 91).*

Outro aspecto significativo relacionado a esse cárcere em que Leonor passou anos de sua vida, refere-se às torturas às quais foi submetida. Tal fato ocorreu em virtude de as freiras a coagirem, com o intuito de fazê-la professar, insistindo que esta seria a única maneira possível de Leonor se salvar do pecado cometido pela sua família e se libertar da ira do Marquês de Pombal. Assim:

*As freiras afligem-na com constantes frases acusadoras, temerosas profecias, ameaças divinas, previsões de catástrofes bíblicas, obrigações de promessas e rezas, de castigos corporais para atormentar a carne pecadora; [...] as religiosas cercam Leonor; a agarram, lhe manipulam os lábios, o pescoço e os ombros, os braços, o peito, descendo em seguida para o ventre liso, deslizando até às coxas onde se detêm ameaçadoras, a murmurarem em latim secretas palavras com laivos de exorcismo, fazem-na estremecer assombrada. [...] Outras noites entram de rompante, antes de cada hora canônica, arrancam-na da cama, estremunhada, e arrastam-na até à igreja (Horta, 2012, p. 63).*

Pressionada, Leonor passa semanas rezando e refletindo sobre a possibilidade de aceitar realizar os votos religiosos. Entretanto, aconselhada pelo seu confessor, Frei Alexandre da Silva, e ciente do aborrecimento que lhe causavam as missas e as rezas, ao contrário do fascínio que lhe despertavam os estudos e a sabedoria, ela resiste e recusa-se a seguir um destino diferente do qual almejava um dia alcançar:

*[...] O seu pensamento é demasiado rico e ágil para ceder à prisão alguma, e os Exercícios Espirituais a que a submetem não chegam para lhe domar o carácter ousado, ambicioso e rebelde.*

*A humildade não vinga à sua beira.*

*[...] desobedecendo, ela continua a preferir o universo da Luz ao mundo das trevas, para o qual o clero lhe aponta. [...] E finalmente sabe com exatidão aquilo que quer fazer da sua vida.*

*Então recua, recusa, nega-se professar.*

*Para a prisão basta-lhe a que lhe impõem há seis anos, sem que jamais, por um só dia, tenham conseguido proibir-lhe o sonho. A partir desse momento, a decisão está tomada: escolhe o destino entretecido pela poesia.*

*Não carece de outra desmesura (Horta, 2012, p. 64-65).*

Segue, então, na imensidão das trilhas poéticas, mesclando a elas os estudos da Ciência, da Política e da Filosofia. Foi assim que adquiriu uma cultura dificilmente existente em uma mulher no período setecentista e, até mesmo, em muitos dos homens portugueses da época; vindo, por conseguinte, a se tornar, mais tarde, uma das maiores poetisas e intelectuais da sociedade portuguesa do século XVIII. Nesta perspectiva, é importante destacar que, naquele contexto, a educação direcionada à mulher possuía o objetivo específico de prepará-la para servir, sem questionamentos, ao esposo e ao lar.

De acordo com Arilda Ribeiro (2002), na segunda metade do século XVIII, intelectuais portugueses que disseminaram as ideias iluministas, como Luís António Verney, Ribeiro Sanches e o Cavaleiro de Oliveira, escreveram sobre como educar as mulheres. O “Apêndice sobre os estudos das mulheres”, de António Verney, anexado à décima carta da compilação *O Verdadeiro Método de Estudar* (1746), mostra a necessidade de instruí-las. Mas não pensando no seu próprio aperfeiçoamento, e sim, porque, ao adquirir conhecimentos, elas beneficiariam os homens, já que eram responsáveis pela educação dos filhos nos primeiros anos de vida, como também, eram quem governavam a casa, necessitando, assim, de aprendizagem sobre economias e de gastos diários, ou seja, administração doméstica. Além disso, com a mente exercitada, saberiam entreter melhor o marido.

Todavia, contrariando as normas preestabelecidas, a protagonista via o estudo como a melhor maneira de fugir daquela prisão, isto é, da clausura imposta, fazendo aumentar o saber que, para ela, era sempre pouco, exigindo mais e mais conhecimento. Na narrativa ficam explícitos os diversos autores e autoras com quem, através de suas leituras diárias, partilhava as intensas horas passadas no claustro:

Camões, Hildegarda de Bingen, Teresa de Ávila, Corneille, Horácio, Dante, Pope, Locke, Leibnitz, Rousseau, Diderot, Voltaire, dentre outros. Interessava-se, sobretudo, pelos proibidos, pois esses a levavam a questionar o poder despótico. Salientamos que essas obras chegavam ao convento às escondidas, e Leonor e Maria as abrigavam entre as pregas das saias para lerem nos quartos.

Com relação a tais gostos literários, a protagonista tentava esconder do pai nas cartas a ele escritas, fingindo obediência às ordens paternas que, na verdade, ela não as cumpria:

*Faço de conta que aceito as suas ordens – decidi com astúcia –, pois se quando encubro o que leio, o que quero, sinto e penso jamais me desacerto com o meu Pai, o melhor é fingir acatar sem recalcitrar sobre cousa alguma e tomar como certos seus conselhos em todas as matérias. Deste modo poderei com tranquilidade aprender com Rousseau, Voltaire e Diderot, pois todos eles deixam de me estar interditos, embora a censura os tenha proibido (Horta, 2012, p. 92).*

Percebemos, portanto, que a personagem tenta camuflar as suas verdadeiras “virtudes”: a rebeldia, o orgulho e a ambição. Cabe destacar, também, que Leonor estava imersa às condições impostas por um sistema opressor de modo triplicado, tendo em vista que, para além do pai, o qual na trama, é o maior representante do poder patriarcal, estava também sob o jugo da Igreja e da Monarquia. No que diz respeito à autoridade exercida pelo patriarca da família da protagonista, mesmo distante, preso no Forte da Junqueira, tinha a pretensão de controlar a vida da sua mulher e das suas duas filhas.

Foi neste contexto que ele escolheu os pretendentes e planejou o casamento de Leonor e Maria. Isso, por conseguinte, nos remete ao que Simone de Beauvoir (2016) afirma ao tratar da opressão sofrida pelas mulheres no contexto do regime patriarcal. De acordo com a filósofa francesa, a mulher é vista como propriedade privada do pai, tendo esse último o direito de lhe casar ao seu desejo. Leonor, em sua época, rebela-se contra este padrão imposto ansiando por conquistar o que era, até então, considerado impossível para uma mulher: a liberdade. Assim, diferente de sua irmã, a protagonista desafia a autoridade paterna, recusando-se casar com os pretendentes por ele escolhido e acaba se casando com o Carlos Augusto, Conde de Oeynhausen, por sua própria escolha.

Retomando o percurso, foi ainda na época de clausura que a protagonista conheceu Teresa de Mello Breyner, a Condessa do Vimieiro, por ocasião de uma das visitas feitas por esta à sua tia, D. Josefa de Menezes, que era uma das reclusas do convento. Ambas, mesmo suspeitosas, rapidamente atraem-se uma pela outra e entrelaçam uma amizade:

*Olham-se com cuidado, suspeitosas, mas atraídas uma pela outra apesar da diferença de idade: Teresa no princípio da maturidade, Leonor saindo da adolescência. A estranharem encontrar-se naquele lugar, que lhes parece em tudo contrário ao prazer e ao encantamento (Horta, 2012, p. 73).*

Embora tão diferente uma da outra, os laços criados pelas amigas perpetuaram-se por toda a vida. Faz-se necessário enfatizar que essa relação está, historicamente, documentada em várias correspondências trocadas entre ambas, e que foram cuidadosamente compiladas por Vanda Anastácio (2012). Essa pesquisadora, ao tratar disto, em uma breve nota de investigação sobre a Marquesa de Alorna, pontua:

*No verão de 1770, quando D. Leonor tinha quase 20 anos, foi contactada por D. Teresa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro. Esta senhora, que ainda era parentada com a família Távora, que era casada, e onze anos mais velha que a jovem Alorna, interessava-se por poesia, e as suas obras circulavam em manuscrito, sob diversos pseudónimos, nos círculos de literatos da Lisboa do tempo. Da leitura da correspondência trocada entre ambas percebe-se que a Condessa escreveu a D. Leonor movida pela admiração que lhe suscitaram as composições desta, que circulavam, também, fora dos muros conventuais. D. Teresa acabou por se tornar a visita mais assídua das três senhoras Alornas e um dos destinatários principais das cartas de D. Leonor (Anastácio, 2012, p. 98-99).*

Foi ainda nessa fase da sua vida que Leonor, em virtude da sua inteligência e grande beleza, aliada à fama de rebeldia, se destacada nos outeiros poéticos ocorridos no convento e, em consequência disso, sai do anonimato, passando a despertar o interesse dos poetas, cavaleiros e da Corte Portuguesa:

*Num volteio e rodopiar cintilante, ela ultrapassava limites e margens, rompia com estereótipos e, num ápice, saía do mais profundo anonimato para ser falada e discutida. Chegando até à Corte a fama de seu brilho e da sua erudição, assim como cópias dos seus poemas, começando o seu nome a correr de boca em boca, pelo invulgar facto de ser mulher culta, talentosa e inteligente (Horta, 2012, p. 78).*

Dentre os poetas em destaque na época, acabou por atrair à grade do Convento de Chelas os que faziam parte da Arcádia Lusitana: José Correia Garção, Sebastião Ferreira Barroco, Francisco Manuel do Nascimento; sendo esse último mais conhecido como Filinto Elísio, o responsável pela designação do heterônimo de “Alcipe”, com o qual passou a assinar os seus poemas. Nesse período, também conheceu a poetisa Joana Isabel Forjaz, na época, talvez, a mais conhecida de Lisboa, e Carlos Augusto, o conde de Oeynhausen que, conforme mencionamos antes, viria a ser escolhido como marido pela própria Leonor.

Desobediente, ousada e destemida, mais tarde, com a cumplicidade de algumas freiras, a personagem inicia, no locutório do convento, a educação das mulheres. A essas, ensinava e discutia sobre Literatura, Astros, Botânica, Matemática e Filosofia. Por tais atitudes, ela chegou a ser considerada uma mulher perigosa, como nos aponta o seguinte trecho referente ao discurso da priora do convento: “Perigosa no querer passar para além do seu limite” (Horta, 2012, p. 118). Isto, portanto, nos remete à afirmação de Cristina Vieira (2008) sobre as perspectivas que são atreladas à interdisciplinaridade no processo de construção da personagem romanesca:

*Por exemplo, quando a ilusão referencial permanece tão activa na prática romanesca, é puro radicalismo eliminar do seu estudo qualquer referência ao sujeito humano. O fator 'referencialidade histórica' diferencia a construção das personagens referenciais das não-referenciais, o que é relevante em romances históricos (Vieira, 2008, p. 32).*

Estas perspectivas são de fundamental importância para a narrativa romanesca, tendo em vista que o romance, embora use o código linguístico, não é um texto meramente linguístico. Cristina Vieira (2008) exemplifica este fato através do fator da “referencialidade histórica”.

A longa fase de clausura, denominada por Leonor de “Idade Média da sua vida” (Horta, 2012, p. 124), termina após dezoito anos. A personagem tinha, na época, vinte e sete anos. A sua liberdade se deu por ocasião da morte de D. José I em 24 de fevereiro de 1777. Assume o trono, então, a Rainha D. Maria; o Marquês de Pombal foi afastado e as portas do convento de Chelas, finalmente, se abriram para as prisioneiras daquela família.

Já em liberdade, a personagem buscou recuperar todos os anos que lhe privaram, ansiando por ir cada vez mais longe. Com a cultura e o conhecimento adquiridos durante os longos anos dedicados aos estudos dentro do convento, se destaca na Corte Portuguesa, chamando a atenção da nobreza, em especial, da Rainha D. Maria:

*Junto de D. Maria, que a quer por perto, Leonor brilha com a sua beleza, o seu talento, cultura e audácia: aceitando o desafio dos motes, recitando versos escritos por si durante aqueles dias de voluptuoso lazer e – para escândalo da Corte – a intrometer-se nas discussões políticas travadas entre homens, a contrapor a modernidade das suas ideias aos argumentos velhos defendidos pela maioria dos fidalgos presentes. Sustentando, ela, posições raramente escutadas em bocas femininas (Horta, 2012, p. 176).*

É importante atentarmos para o fato de que, embora o século XVIII, historicamente, tenha ficado conhecido como “o século das Luzes” – um período marcado por modificações socioculturais, políticas e econômicas –, as reformas para valorizar as mulheres pouco se efetivaram. Portanto, segundo Michèle Casnabet (1991), o preconceito de gênero permaneceu e elas continuaram a ser definidas como portadoras de inferioridade física e intelectual, assim, “do seu papel natural da reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre naturalmente uma definição de função e papel. A mulher é essencialmente esposa e mãe [...]” (Casnabet, 1991, p. 388).

Dessa maneira, a política foi e, de certa forma, continua sendo uma das áreas que as mulheres tiveram mais dificuldade em ter acesso. Corroborando com essa afirmativa, Michelle Perrot argumenta que: “Como a política é o centro da decisão de poder, era considerada o apanágio e o negócio dos homens” (Perrot, 2017, p.

151). Assim, observamos que a personagem, ao se inserir nos assuntos ligados à política, ultrapassava os limites impostos às mulheres e, como não é difícil imaginar, acabou despertando a ira dos detentores do poder da sociedade portuguesa setecentista.

À medida em que Leonor vai vivenciando os anos em liberdade, passa a perceber que Portugal se tornava, cada vez mais, um país retrógrado para ela. Assim, sair daquele lugar era o único destino que lhe interessava. Uma das maneiras encontradas para concretizar esse desejo foi através do casamento com o conde de Oeynhausen, que passou a significar a oportunidade da sua “fuga para o estrangeiro, o espaço livre no mundo” (Horta, 2012, p. 190). Dessa maneira, mesmo diante da recusa do pai em aceitar a união dos dois, a protagonista, valendo-se das suas artimanhas perante à Rainha D. Maria, conseguiu que a união matrimonial acontecesse. Entretanto, o que ela não esperava era se deparar, no dia do seu casamento, com uma cláusula contratual imposta por João de Alorna, a qual lhe impedia de deixar o país. No entanto, mais uma vez, a protagonista subverte as regras impostas e consegue, através da Rainha D. Maria, que havia se tornando sua madrinha e protetora, a dispensa da cláusula.

É nesse contexto que a personagem viaja para Viena. Nesse período, para além do deslumbramento pelo mundo Europeu que vai conhecendo, depara-se com contratempos, como as consecutivas gestações que lhe ocorreram. Esse fato é um aspecto importante na narrativa, pois demonstra como Leonor desconstrói a função de mãe tradicionalmente imposta às mulheres. De acordo com Simone de Beauvoir (2016, p. 279), a maternidade foi, no decorrer da História, considerada como uma vocação “natural” das mulheres. Este conceito da vocação natural para a maternidade prega que a figura feminina deveria se sentir naturalmente realizada e feliz em gerar um filho, contribuindo, assim, para a perpetuação da espécie. Nesse caso, o amor materno seria um instinto, ou seja, todas as mulheres nasceriam, biologicamente, vocacionadas à maternagem. Essa questão é problematizada pela autora francesa Elisabeth Badinter (1985), que ao realizar um estudo sobre o mito do amor materno, concluiu que não há “nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições e frustrações” (Badinter, 1985, p. 365).

No romance, fica explícito que Leonor não se sentia realizada com o seu papel de mãe. Pois, nas palavras da narradora, “o ser mãe é pouco para si. Sonhando voar mais alto do que apenas isso. A maternidade nunca lhe adoçará a vida” (Horta, 2012, p. 252). Consequentemente, os seus filhos eram vistos como âncoras que a impediam a liberdade por tanto tempo esperada.

No que diz respeito à função de esposa, observamos que a personagem também subverte ao modelo de passividade e submissão esperado naquele contexto sócio-histórico, político e cultural. Uma vez que é mostrado, ao longo do enredo romanesco, que na relação conjugal, muitas vezes, era ela quem tomava as decisões

sobre as suas vidas. A título de ilustração, destacamos o fato de ter sido ela quem conseguiu com a Rainha D. Maria o cargo de ministro plenipotenciário em Viena para o marido. Como também, na relação sexual, ela não ocupava a posição passiva, mas sim, de sujeito ativo, que deseja, sente e sacia as vontades despertadas pelo seu corpo. Como nos mostra o seguinte trecho:

*Carlos Augusto encanta-se com aqueles inesperados anelos, modo de ela o repelir para logo o tomar, nunca parecendo ceder, mas já a apetece-lo, corpo incendiado pelas labaredas da avidez, gemendo a querê-lo mais do que quando é ele a fazê-la sua (Horta, 2012, p. 521).*

Outro aspecto percebido com relação à transgressão da protagonista no decorrer da sua trajetória em liberdade, diz respeito aos constantes deslocamentos. Após morar um período em Viena, Leonor viajou para Estrasburgo, sem hesitar em deixar o seu marido e os seus filhos naquele lugar. No entanto, com um tempo, viu-se obrigada a mudar para Avignon, onde a família estava residindo na época. Isso posto, observamos que, a ânsia por liberdade a levou, mais uma vez, a querer respirar novos ares, pois o silêncio da casa a entediava, os gritos das crianças a dilacerava. Assim, em 1787 resolve regressar a Portugal. Nesse período, Leonor passava a maior parte do tempo na Corte Portuguesa, encantando à Rainha D. Maria e à princesa Carlota Joaquina com suas poesias e cultura. Após um ano, a personagem retorna à França.

Notamos, então, que Leonor vivia em busca de movimento, como se buscasse o seu espaço livre no mundo. Inconstante, passou a viver intensamente tudo o que lhe privaram nos dezoito anos roubados. Desse modo, ao observarmos o comportamento da personagem, podemos associá-la à tipologia do “corpo liberado” desenvolvida por Elódia Xavier, no seu estudo intitulado *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007). Pois, ela apresenta a fluidez que “significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores, própria de um corpo liberado” (Xavier, 2007, p. 179).

Os anos de 1788 a 1789 foram intensos para a protagonista. Nesse período, Leonor residia em Marselha com a sua família. Entusiasmada com os acontecimentos que marcavam o início da Revolução Francesa, decidiu viajar sozinha para Paris, onde presenciou de perto a atuação das revolucionárias:

*Muitas das revolucionárias insurgiram-se contra a injustiça da situação das mulheres, e foram elas, as suas palavras, risos e protestos que acompanhei, misturando o meu ao seu entusiasmo e as suas vozes à minha: a de Olympe de Gouges, a de Clarice Lacombe, a de Pauline Léon, a de Théroigne de Méricourt... Palavras luminosas e raras (HORTA, 2012, p. 616).*

Com base nesse fragmento, percebemos que a personagem comungava com os mesmos ideais que as revolucionárias francesas. Desejava que as mulheres fossem

livres para ter acesso ao conhecimento, bem como o direito para participar ativamente das variadas esferas da vida social, como por exemplo, da política. Fato que nos leva a confirmar, mais uma vez, a sua transgressão.

Após essa estadia em Paris, mesmo contra a sua vontade, Leonor regressa a Marselha, e, posteriormente, cedendo à pressão do marido, decide retornar a Portugal. Dessa época merece destaque a sua participação nas reuniões realizadas pela Academia de Belas Letras, “associação que também ficou conhecida pela designação de Nova Arcádia” (Anastácio, 2009, p. 18). Foi nessa fase da sua vida que conheceu o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, que logo a impressionou com o “arrojo dos versos, da vergasta arrebatada e corajosa, da ousadia cruel e sarcástica; demorando-se com gosto na novidade e no atrevimento, no incêndio desabrigado daqueles poemas” (Horta, 2012, p. 675).

Com o falecimento do esposo em 1793, Leonor decidiu se refugiar na quinta dos seus pais, em Almeirim, buscando acalmar o espírito, mas como era próprio da sua personalidade, logo retornou a viver intensamente. Posteriormente, a protagonista se relacionou com o oficial francês Henri Forestier, como também foi nomeada dama de honor da princesa Carlota Joaquina. Assim, valendo-se desse cargo, tentou de todas as maneiras impedir a entrada das tropas napoleônicas em Portugal:

*Apesar da acintosa perseguição de Pina Manique, nem sequer me imagino a desistir de levar até o fim o projecto político a que me proponho, no que diz respeito ao destino de Portugal.*

*Usando de maior astúcia.*

*Assim, em vez de me limitar a servir a princesa Carlota Joaquina enquanto sua dama de honor, utilizo a minha presença na Corte, privilegio de cargo que desempenho, para me aproximar do Príncipe Regente, a expor-lhe as ideias que tenho em relação a França e a Napoleão Bonaparte. Alertando-o para o perigo que este representa para a Europa, especialmente no que se refere à nossa Pátria (Horta, 2012, p. 940).*

Essas atitudes de Leonor, juntando-se ao seu envolvimento na criação de uma sociedade secreta, designada de Sociedade da Rosa, na qual, baseando-se nos salões franceses, ocorriam discussões de temas literários, filosóficos e políticos, acabaram intensificando a perseguição de Pina Manique, o então Intendente Geral do Estado. Tais fatos culminaram com a expulsão da personagem de Portugal sob a acusação de conspiração contra o seu país.

O desfecho da narrativa acontece com a Marquesa de Alorna exilada em Madri. Todavia, mesmo na condição de exílio, ela continua senhora do seu destino e almejando a liberdade que tanto a impediam de conquistar. Como podemos verificar no seguinte trecho:

*De bom grado cativa da poesia.*

*Trato que mantenho desde sempre com as palavras escrita.*

*Mais do que nunca senhora do meu próprio destino, embora diante de mim veja meu imenso deserto a que me querem condenar; a tentarem matar a sede de independência e de conhecimento que me impele.*

*Debato-me no arrebatamento, na ânsia de chegar cada vez mais longe e de ir mais além, apesar de nada ter concorrido na minha vida no sentido da felicidade. Num pressentimento de futuro extraviado.*

*Exílio*

*A lutar o que posso contra a solidão e o isolamento*

*A que Portugal parecer querer-me voltada (Horta, 2012, p. 1050).*

Nesse sentido, constatamos que a Marquesa de Alorna mostra-se como uma mulher de personalidade forte, curiosa, impetuosa, ousada. Uma ilustre dama que confronta o poder e desafia todas as ideologias dominantes e formas de opressão: a patriarcal, a religiosa e a política; transgredindo todas as regras, seguindo, desse modo, na contramão do que a sociedade esperava de uma mulher na conjuntura setecentista portuguesa. Assim sendo, diante de toda a trajetória da protagonista, ressaltamos a importância da personagem para o romance e de toda a carga ideológica que ela traz. Logo, é ela quem imprime relevo e poder ao enredo em tela, pois é em torno dela que gira toda a ação e é em sua função que a narrativa romanesca se organiza (Reis e Lopes, 1988).

Passando do enredo do romance para a figura histórica, em uma entrevista concedida à *Revista InComunidade* (2003), a autora Maria Teresa Horta reafirma o que encontramos ao ler *As Luzes de Leonor* (2012), a Marquesa de Alorna infringia todas as regras, ultrapassava-as, confrontava o poder. Dessa maneira, constatamos que a personagem passou por longos períodos desafiadores. Entretanto, em todo o seu percurso, seja nos momentos marcados pela clausura, ou em liberdade, diante das acusações e perseguições, a ilustre dama portuguesa se refaz, se reconstrói e resiste.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos o romance *As Luzes de Leonor: a Marquesa de Alorna, uma sedutora de anjos, poetas e heróis* (2012), constatamos que Maria Teresa Horta, valendo-se de uma narradora engajada política e culturalmente, ao reconstituir a trajetória de vida da Marquesa de Alorna, da infância à maturidade, por meio de todos os artifícios que a ficção propõe, confere visibilidade tanto à mulher intelectual e poetisa que ela foi, como também, aos aspectos mais íntimos, apontando as suas angústias, contradições, insatisfações e desejos sexuais.

Em síntese, observamos que a personagem, durante a sua trajetória, tanto nos anos vividos em clausura, como nos anos em liberdade, mesmo em meio a um contexto sócio-histórico, político e cultural opressor no qual estava submetida, resiste e não aceita a subordinação. Para tanto, Leonor utiliza a sua intelectualidade como um

elemento para burlar os opressores, uma vez que é por meio dos estudos, concomitantemente com a poesia, que ela consegue superar todos os seus momentos difíceis.

Diante disso, constatamos que a protagonista é representada no decorrer de toda a narrativa romanesca como uma menina e mulher de personalidade forte, sábia e insubordinada. Pois, enquanto criança, ela é tida como rebelde; já na sua idade adulta, é considerada como uma mulher perigosa, aquela que recusa-se a prender-se a um destino naturalmente estabelecido às mulheres.

Desse modo, a Marquesa de Alorna transgride a todos os paradigmas impostos, fugindo, assim, dos estereótipos femininos de sua época. Em suma, perceberemos que Leonor apresenta o perfil de mulher-sujeito, uma vez que ela é “[...] marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição [...]” (Zolin, 2010, p. 183). Uma mulher que, perante a sociedade portuguesa do século XVIII, constituía uma afronta constante frente ao poder patriarcal.

## Bibliography

- Anastácio, V. (2009), *A Marquesa de Alorna (1750–1839)*, Prefácio, Lisboa, LB.
- Anastácio, V. (2012),= Nota de investigação sobre a Marquesa de Alorna (1750–1839) e o Brasil, *Navegações*, Vol. 5, No. 1, pp. 98–100.
- Badinter, E. (1985), *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ.
- Beauvoir, S. (2016), *O Segundo Sexo: a experiência vivida*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ.
- Bittencourt, M. (2005), *A escrita feminina e feminista de Maria Teresa Horta*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, São Paulo, SP.
- Brait, B. (1985), *A personagem*, Ática, São Paulo, SP.
- Casnabet, M. C. (1991), A mulher no pensamento filosófico do século XVIII, in Duby, G., Perrot, M., *História das mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*, Edições Afrontamento, Porto, PT, pp. 369–385.
- Horta, M. T. (2012), *As Luzes de Leonor; a Marquesa de Alorna, uma sedutora de anjos, poetas e heróis*, Dom Quixote, Lisboa, LB.
- Horta, M. T. (2013), *Revista Incomunidade.*, 9 Edição. Ano 1, disponível em: <http://www.incomunidade.com/v9/art.php?art=83> (acessado em outubro de 2018)
- Perrot, M. (2017), *Minha história das mulheres*, Editora contexto, São Paulo, SP.
- Reis, C. (2006), Narratologia (s) e Teoria da Personagem, in Reis, C., *Figuras da Ficção*, Centro de Literatura Portuguesa, Coimbra, CB, pp. 9–23.
- Reis, C., C. Vieira (2007), *Dicionário de Narratologia*, Almedina, Coimbra, CB.
- Ribeiro, A. (2002), *Vestígios da Educação Feminina no século XVIII em Portugal*, Arte e Ciência, São Paulo, SP.
- Vieira, C. (2008), *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, Colibri, Lisboa, LB.

- Xavier, E. (2007), *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, Mulheres, Florianópolis, SC.
- Zolin, L. O. (2010), A crítica feminista, in Bonnici, T.; Zolin, L. O. (Ed.), *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*, Eduem, Maringá, PR, pp. 181–203.

**Assoc. Prof. Aldinida Medeiros, PhD**  
aldinidamedeiros@gmail.com

**Jaqueline Vieira de Lima**  
jaqueline.vieira@aluno.uepb.edu.br  
State University of Paraíba  
Rua Baraúnas, 351,  
Campina Grande – Paraíba, CEP 58429-500  
Brazil

**Доц. д-р Алдинида Медейрос**  
aldinidamedeiros@gmail.com

**Жакелин Виейра де Лима**  
jaqueline.vieira@aluno.uepb.edu.br  
Щатски университет на Параиба  
ул. „Бараунас“ 351,  
Кампина Гранде, Параиба 58429-500  
Бразилия